

DISCURSOS PROFERIDOS NA SESSÃO SOLENE INAUGURAL

Dr. Mário de Almeida — Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática

Ex.mo Senhor Ministro da Cultura e Coordenação Científica

Ex.mas Autoridades

Ex.mos Congressistas

Minhas Senhoras e meus Senhores

Embora seu mais modesto colaborador, por obrigação inerente ao cargo que tenho a honra de desempenhar de Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática, entidade que chamou a si a organização deste «II Congresso Nacional de Numismática», encarrega-me a respectiva Comissão Organizadora de dirigir a V. Ex.as algumas palavras de saudação e boas-vindas antes de iniciarmos os seus trabalhos.

Para V. Ex.a, Senhor Ministro, as minhas primeiras palavras de agradecimento, e não apenas pela subida honra que nos dá de presidir a este acto inaugural.

Na realidade, não podemos esquecer a extraordinária gentileza do seu acolhimento quando fomos transmitir-lhe o nosso convite, a simpatia e compreensão que nos mostrou ter para com os problemas da Numismática no nosso País, e para com os nossos anseios em resolvê-los. É por isso que vou tomar a liberdade de aproveitar a presença de V. Ex.a aqui, e confiado no interesse e compreensão manifestados, para lhe pormenorizar alguns desses problemas, aqueles que mais nos preocupam, aqueles para cuja resolução consideramos mais necessário, indispensável mesmo, o apoio, em resumo, a acção directa das entidades governamentais.

Vou pretender não me alargar demasiado, e por isso apenas me referirei a três desses problemas, aqueles que neste momento e neste ambiente mais apropriado será referir pois me parecem ser os que mais directamente se relacionam com a cultura.

Para começar referir-me-ei à necessidade da revisão de toda a legislação que trata de assuntos relacionados com a Numismática. Ainda há pouco,

na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, foi debatida de forma exaustiva, e concluído pela sua anacronicidade e inoperância, a nossa legislação numismática, principalmente, o que mais interessava naquele momento, a que diz respeito a achados de tesouros, problema importantíssimo para o progresso da Numismática a nível cultural.

Este é porém apenas um dos aspectos que há necessidade de rever, e, como disse, de grande importância. Mas há outros a necessitar não menos urgentemente de uma revisão global, o que, evidentemente só pode ser feito a nível governamental.

Outros e muitos. Falarei apenas de mais dois pois se prendem directamente com a Numismática, como cultura.

Para começar, o problema dos Museus, pois há necessidade de pensar a sério nos museus de Numismática ou com colecções de Numismática.

As deficiências do nosso Museu Nacional de Numismática são já de todos bem conhecidas, e portanto de V. Ex.a também, e não vou portanto insistir nelas.

Mas há colecções em numerosos dos museus espalhados pelo País.

Na realidade os museus têm de ser órgãos vivos, promotores de cultura. Todos sabemos que no que diz respeito à Numismática isso é difícil de conseguir. O que se verifica é que as colecções se mantêm geralmente como um «depósito» de moedas, inacessível, e que não cumpre de modo algum a sua missão cultural. Isso de resto é geralmente preferível nas circunstâncias actuais pois se pretendem «abrir-se» aos estudiosos, sem uma estrutura especializada, sem conservador privativo, sem um inventário bem documentado, arriscamos a que aconteça o que tem acontecido muitas vezes, isto é, que pouco a pouco o seu património vá desaparecendo.

Mas há um último aspecto, e não menos importante, para que quero chamar a atenção de V. Ex.a pois é fundamental para o progresso da Numismática no seu aspecto cultural, no seu aspecto de Ciência Auxiliar da História, que é o que neste momento muito nos preocupa, e que é o do ensino da Numismática nas nossas Universidades.

Nós temos no nosso País, no que diz respeito aos estudos de Numismática, à criação de cursos de Numismática, tradições quase de pioneiros. Pode dizer-se que há quase dois séculos já se legislava entre nós sobre o ensino da Numismática, mas, pelo menos a partir de 1845 já funcionavam aulas regulares de Numismática, embora não oficiais, oficializadas e com preferência dos seus diplomados para a admissão a certos cargos oficiais. Refiro-me aos cursos organizados na Biblioteca Nacional de Lisboa, inicialmente por uma figura hoje quase esquecida, a de Francisco de Andrade, mas cursos de Numismática a que mais tarde esteve ligado o nome dessa figura magna das nossas

letras que foi o Doutor José Leite de Vasconcelos. Mas além destes cursos particulares já há quase 70 anos que se ministram oficialmente cursos de Numismática nas nossas Universidades, nas Faculdades de Letras.

Mesmo assim, mesmo com esta longa tradição e larga experiência de ensino, na realidade, Senhor Ministro, não tem resultado verdadeiramente produtiva a actividade dos nossos actuais estudos numismáticos universitários.

Todos sabemos que a Universidade não deve ser apenas um local onde se dão aulas, onde se aprende e onde se formam licenciados. Tem que ser bastante mais do que isso. A Universidade fundamentalmente tem de «fazer escola», isto é, tem de ter possibilidades de ser um centro de investigação e de cultura.

Os professores universitários têm que ser apaixonados pela matéria a que se dedicam. Têm de criar discípulos, isto é, colaboradores interessados, e têm de esforçar-se por obter para si e para eles, bibliotecas, laboratórios, enfim, os meios necessários para o progresso dos seus estudos. E não há dúvida de que as nossas Universidades não tiveram, não têm tido até agora possibilidades de dispor desses meios no que diz respeito à Numismática.

A Numismática tem sido considerada sempre, dentro das Universidades, cadeira de categoria secundária a que se dá uma mínima importância.

Para reforçar esta minha ideia eu posso citar o facto curioso, até pela coincidência, e que se passou durante a organização deste Congresso.

Tivemos necessidade de contactar, em circunstâncias diferentes e por razões diferentes, dois professores da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e que, sem saberem nada um do outro, ambos eles, quando falamos em numismática, nos disseram:

«Ah, sim. Tenho recordações curiosas da Numismática. Foi por ela que eu comecei a minha carreira de docente na Faculdade».

Quer dizer: o mais novo, aquele que entrava e que não podia portanto recusar, era a quem se confiava, a quem se transmitia esse encargo que ninguém queria.

Evidentemente que estou convencido que esses professores foram bons professores, fizeram bons cursos de numismática, fizeram boas aulas, mas, evidentemente sem aquele indispensável interesse de quem quer investigar e fazer escola pois sabiam que ao fim de um ou dois anos encontrariam um mais novo a quem transmitir aquele encargo, e dedicar-se então a sério à matéria que mais lhe interessava.

Este panorama está hoje ligeiramente diferente. A cadeira de Numismática que nas nossas Universidades durante alguns anos foi uma cadeira de opção, é agora novamente uma cadeira obrigatória, pelo menos para alguns

ursos, e nós temos nas nossas Universidades, no Porto, em Lisboa e em Coimbra alguns professores, ou pelo menos alguns docentes, que se interessam a sério pelos problemas de numismática.

Temos o Dr. Rui Centeno, o Dr. Mário Hipólito, a Doutora D. Maria José Pimenta Ferro Tavares, o Doutor Mário Gomes Marques, e todos estes, e outros mais certamente, são pessoas que se interessam a sério pela numismática.

Mas há necessidade de lhes dar condições de trabalho, de criar nas Universidades centros de estudo e de investigação numismática, bem apetrechados, de modo a permitir avançar com a Numismática no seu aspecto cultural, na sua faceta de ciência verdadeiramente auxiliar da História.

Alarguei-me um pouco mais nestas considerações do que pretendia e disso peço desculpa a todos e particularmente a V. Ex.a, Senhor Ministro. Mesmo assim volto a dizer e a resumir: há necessidade de despertar o interesse dos organismos estatais por todos os problemas da numismática, dando-lhes uma estrutura realística. Muito particularmente ajudando a criar condições de trabalho às pessoas e aos organismos que se dedicam à Numismática e principalmente no seu aspecto cultural.

É por isso, volto a dizê-lo, que nos dá muito prazer a presença de V. Ex.a e o interesse por V. Ex.a manifestado por todos estes problemas.

Temos todos muitas esperanças de que muito de útil daqui resultará para a Numismática no nosso País.

Peço mais uma vez, a todos desculpa, mas pareceu-me que seria interessante aproveitar a estadia aqui do Senhor Ministro da Cultura (cultura e instrução andam de mãos dadas), para lhe transmitir estes anseios, esta vontade que nós temos de que o interesse das entidades governamentais por estes problemas se acentue e tenha a eficácia que todos nós desejamos.

Mas quero dirigir-me também às Ex.mas Autoridades, Civis e Militares e a V. Ex.a Reverendíssima, agradecendo-lhes a honra que nos deram da sua vinda aqui.

A presença nesta inauguração oficial de tantas e tão altas individualidades veio dar a este Congresso o reconhecimento oficial do seu alto significado, o atestado de representatividade que todos para ele desejávamos.

Quero ainda dirigir algumas palavras a propósito da I Exposição Nacional de Numismática pois um agradecimento muito especial merecem todos e todas as instituições que tornaram possível este ímpar acontecimento.

Ao Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, aos Ex.mos Conselhos de Administração do Banco de Portugal e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, e aos Conselhos de Gestão dos Bancos Nacional Ultramarino, Português do Atlântico e União de Bancos Portugueses, nós queremos

agradecer muito e muita coisa. E o mais importante não são para nós os elevados encargos materiais que tiveram de suportar, não é o esforço e dedicação de tantas pessoas que foi necessário para que a Exposição aqui esteja com o interesse, a representatividade e a dignidade com que está.

Tudo isso compreendemos, apreciamos e por tudo isso estamos muito gratos.

Mas o que mais nos encantou foi a receptividade e a compreensão que encontramos em todos V. Ex.as para o interesse da realização desta Exposição.

Isso representa uma abertura à importância dos problemas da numismática e que vindo da parte de tão dignas e poderosas organizações, nos enche de esperança para um futuro de importantes realizações semelhantes.

Alto significado tem também a presença entre nós de D. António Beltran Martinez, Catedrático e Decano da Faculdade de Letras da Universidade de Saragoça e Presidente da Sociedade Ibero-Americana de Estudos Numismáticos, de D. Leandre Villaronga, ilustre investigador numismático de Barcelona e Professor Honoris Causa da Universidade de Colónia e de D. Josep Pellicer i Brou, Vice-Presidente da Associação Numismática Espanhola.

A presença de V. Ex.as nos trabalhos deste Congresso, tem para nós um elevado significado. Não apenas pelo prestígio pessoal de todos V. Ex.as que certamente muito contribuirá para reforçar o nível cultural que o Congresso vai atingir. Mas, e principalmente, porque a V. presença vai ser sem dúvida pretexto para o estreitar das relações culturais entre os numismatas de Portugal e da Espanha, apertar de relações que por todos nós é anciosamente desejado.

Finalmente algumas palavras a V. Ex.as, Senhores Congressistas.

A Comissão Organizadora deste Congresso fez o que pôde para que ele resultasse nos seus objectivos e os seus participantes tivessem as possibilidades de trabalho e de convívio que todos nós desejávamos.

Pessoalmente dedicamos-lhe inteiramente o nosso esforço, a nossa capacidade, que não será muita, a nossa experiência, que reconhecemos ser pouquíssima.

É evidente que vão encontrar falhas, nós próprios já notamos algumas, e desde já delas pedimos desculpa. Mas repito: até aqui competiu à Comissão fazer o que podia fazer. Agora o Congresso sois todos vós!

O que este Congresso possa ter de significado, o prestígio que dele resultar para a numismática portuguesa, o impacto que possa ter sobre as nossas autoridades e entidades pelo que vai revelar do nível, da dignidade da numismática portuguesa, compete a todos aqueles que vão tomar parte nos trabalhos.

Estou certo de que este Congresso vai fazer reconhecer que a Numismática portuguesa tem o alto nível que todos nós pessoalmente sabemos que tem.

Mesmo assim eu peço a todos para trabalharem com entusiasmo, não só os que vão apresentar as suas comunicações, mas todos os participantes, interessando-se e discutindo todas elas.

Assim poderemos fazer com que este Congresso marque um progresso nestas actividades culturais dos numismatas portugueses.

Este é o «2.º Congresso Nacional de Numismática». O primeiro Congresso foi o começo, e um começo notável. Como tal eu presto a minha entusiástica homenagem à entidade que o promoveu e à comissão que o organizou.

Embora notável, o primeiro não teve, e estou certo de que este ainda também não o terá, o nível que precisamos de mostrar, o prestígio que precisamos de obter, para a Numismática portuguesa. Mas é preciso persistir.

Só obtendo a experiência que estas organizações nos dão, só obtendo o incentivo que actividades como estas nos proporcionam, só tomando parte nos seus trabalhos, ouvindo os que mais sabem, vendo a maneira como eles trabalham, é que poderemos verdadeiramente progredir. Só assim é que a Numismática, no seu aspecto cultural, no seu aspecto de ciência auxiliar da história, poderá aperfeiçoar-se entre nós e mostrar o nível que tem na maior parte dos países evoluídos com quem mantemos relações culturais.

É esse esforço que eu vos peço pois é esse o objectivo que todos nós desejamos atingir. De qualquer modo, e antes de terminar, há algo que fundamentalmente vos quero dizer: muito obrigado por terem correspondido ao nosso apelo.

Tenho dito.

D. Josep Pellicer i Bru: — Vice-Presidente da A.N.E.:

Ex.mo Senhor Ministro da Cultura

Ex.ma Comissão de Honra

Dig.mo Representante da la Iglesia

Distinguidos Colegas

Señoras y Señores

Es un deber de hospitalidad dar las gracias a los anfitriones y en esta ocasion corresponde a hacerlo à la S.P.N.

Ex.mo Señor Presidente de la S.P.N., muito obrigado.

El Presidente de la A.N.E., Señor Conde de La Cambra, me ruega les presente su deseo formal de asistencia a estes magnificos actos, rogandole al mismo tiempo, seja desculpada su ausencia personal neste 2.º Congresso

Nacional de Numismática de Oporto, como ustedes lo conocen, por motivos alejos à su voluntad.

El Presidente de Honor de la A.N.E. y Director de la S.E.P.A. Numismática, el Señor Calicó, que debía asistir personalmente a la abertura deste Congresso, no pude acerlo debido a una complicacion personale que han aconsejado un reposo fisico total.

No obstante me ruega traga hasta ustedes y en particular a su amigo el Presidente de la S.P.N., su deseo mas fervente de exito el qual sabe de anteman que será rotundo y brillará con luz própria en el firmamento de la Numismática Ibérica.

Por mi parte, y como representade de la A.N.E., los deseos de nuestra Sociedad de un feliz termino de las conferencias y comunicaciones, quiero decir, de todo el Congresso.

Quiero decir a usted y a ustedes que estou muy feliz de encontrarme en Porto, de compartir con ustedes estes días de alto «standing» numismático y de vivir en este clima de intensa amistad que permanecerá indelebil en mi memória.

Una vez mas, *«muito obrigado»*.

Dr. Francisco Lucas Pires — Ministro da Cultura e Coordenação Científica:

Senhor Presidente da Câmara
 Senhor Governador Civil
 Senhor D. Domingos de Pinho Brandão
 Senhor Reitor da Universidade
 Ex.mas Autoridades
 Senhor Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática
 Senhor Vice-Presidente da Associação Numismática Espanhola
 Senhores Convidados
 Senhores Congressitas

Quero dizer muito poucas palavras, apenas para assinalar o regozijo de abrir este Congresso de Numismática, para vos desejar as maiores felicidades neste trabalho e para fazer alguns comentários às observações do Senhor Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática.

O Ministério da Cultura está atento a este problema, desde logo porque a Numismática é, num certo sentido, uma das zonas de interpenetração entre a economia e a cultura, mas não apenas por isso. É que se trata realmente de uma questão de património cultural, de uma questão essencial do património

nacional, e o Ministério da Cultura tem procurado por todos os modos valorizar o mais possível o nosso património.

Temos procurado valorizar o património porque, pode-se dizê-lo na linguagem deste Congresso, o património é a nossa melhor «moeda».

O património e a história portuguesa, as obras através das quais essa história se objectiva, são hoje a nossa melhor moeda.

Sobretudo com a descolonização todo o património português se transformou ainda mais em património cultural, no sentido extenso da expressão, pois a riqueza, que era física, é agora apenas histórica e cultural.

Com a consciência disto procedemos já, nas duas últimas semanas, a alterações legislativas estruturais muito importantes e esperançosas.

Uma delas, há duas semanas, foi a aprovação pelo Conselho de Ministros, da transferência para o Ministério da Cultura de todo o património cultural português.

Esse património estava na dependência do Ministério das Finanças e passou agora para o Ministério da Cultura, o que por si só significa uma alteração da relação do Estado para o património. Significa que o Estado deixou de se comportar para com o património como um simples proprietário, para passar a ter do património uma visão justamente menos externa e mais cultural desse mesmo património.

É portanto um primeiro passo porque é evidente que o Ministério da Cultura não pode ser um proprietário absentista do património e têm agora de se seguir novas medidas que traduzam este novo espírito.

Por definição, o Ministério da Cultura tem de procurar dar vida a esse património, tem de o revitalizar de acordo até com uma filosofia mais geral que não tem só a ver com a questão da cultura ou as responsabilidades do Ministério da Cultura. Uma filosofia mais geral, segundo a qual um dos grandes esforços da sociedade portuguesa deveria ser um esforço de reconstrução.

Em vez de se criarem constantemente realidades artificiais a partir do zero, trate-se é de modernizar aquilo que são as formas institucionais existentes, aquilo que é, no sentido mais vasto da expressão, o património ou a herança cultural portuguesa. Trate-se de a retomar, de a refazer e de a modernizar.

Sabemos que muitos países chegaram à era da electrónica através desta metodologia, não de revogação do seu passado, do seu património, da sua história, mas da conversão modernizadora do seu passado, do seu património e da sua história.

Trata-se portanto de modernizar, digamos, de aplicar a inteligência moderna portuguesa à cultura tradicional portuguesa.

Porque é que isto ainda não acontece hoje? Num certo sentido, às vezes, sou levado a pensar que a nossa inteligência ainda não está à medida da cultura que temos.

Somos um país com uma grande história cultural, mas perante a qual a nossa inteligência passa ao lado ou anda atrás em vez de andar à frente dessa mesma cultura, de a assumir para se superar com ela. E o problema é portanto dessa nossa inteligência estar a aplicar-se ora de maneira juvenil, ora decadentista, à invenção de novas formas, em vez de se aplicar à reconstrução das formas existentes no País, das formas que traduzem a nossa herança cultural.

Este objectivo parece-me importante porque quando a descolonização tornou evidente que o nosso património hoje tem menos um sentido físico que um sentido histórico e cultural, tem que ser procurado nesta dimensão os padrões, não apenas os padrões da grande história, mas os padrões da vida comum dos portugueses para os repensar e reconstruir numa perspectiva moderna.

É este aliás o sentido que pode ser mais solidário do ponto de vista cultural.

Quero-me referir ainda a outra alteração legislativa. Talvez tão importante como a transferência do património para o âmbito do Ministério da Cultura que significa não só uma transferência de «proprietário» mas uma transferência de «mentalidade», é uma resolução ontem aprovada no Conselho de Ministros e que será implementada a partir de 1983, segundo a qual em cada ano será escolhido um grande monumento nacional para ser reconstruído com as verbas do Dia de Portugal. Isso significará que o próprio Dia de Portugal terá um sentido concreto, permanente, útil, do qual ficará todos os anos uma obra concreta.

Em todos os orçamentos do Estado será inscrita uma verba própria para se reconstruir em cada ano um grande monumento nacional ou para se iniciar cada ano a reconstrução de um grande monumento nacional.

O monumento a reconstruir no próximo ano será o Convento de Cristo em Tomar.

Havia três ou quatro monumentos que se encontram em situação de perda eminente. Um deles é o Convento de Tibães, em Braga; outro é o Convento de Lorvão, em Penacova.

O Convento de Cristo também se encontra pelo menos parcialmente, ameaçado, mas como para o ano é o ano da *XVII Exposição de Arte Europeia*, sobre o tema dos descobrimentos, entendeu-se que era mais propício (e também por razões de ordem financeira que tornou mais prática esta solução) que para o ano se tratasse da reconstrução do Convento de Cristo, em Tomar,

pelo seu simbolismo e pelas suas relações com as comemorações que se farão em 1983.

Parece-nos que este método permitirá que dentro de 200 anos, ou dentro de 300, todo o património, todo ou pelo menos a sua parte essencial, o sacrário desse património monumental, possa estar reconstruído.

Isso aliás permitirá mobilizar a nossa sociedade para a reconstrução dos nossos grandes monumentos pois está previsto nessa resolução que os particulares, que as empresas, que os bancos, que certos fundos públicos e particulares, de instituições, como Fundações ou de outro tipo, possam contribuir em cada ano para a reconstrução do monumento que lhes seja mais cara, ou que diga inclusivamente respeito à condição histórica da respectiva região.

Parece que esta medida pode, por isto mesmo, alterar ou ajudar a alterar um pouco a situação em termos de reconstrução do património.

Num País que enfrenta extremas dificuldades económicas e onde portanto a reconstrução do património não é fácil, este tipo de colaboração pode ajudar a resolver o problema.

Mas ontem mesmo também, no Conselho de Ministros, foi aprovado uma decisão que tem algo a ver com a questão dos Museus, posta pelo Senhor Presidente da Sociedade de Numismática. Essa resolução cria um depósito de espécies museológicas e permite, portanto, a criação de uma reserva museológica à qual podem ser feitas imediatamente doações, mesmo de bens culturais que não cabem especificamente em qualquer Museu, o que permitirá, por exemplo, que os museus da província, através dessa grande reserva museológica, possam utilizar peças que não estão expostas nos grandes museus, ou em museus especializados já existentes.

Portanto também aí há um esforço promissor no sentido de valorizar certos aspectos.

Embora esta resposta à intervenção do Senhor Presidente da Sociedade de Numismática tenha algum carácter geral mais do que um carácter específico, estou certo de que até a própria numismática há-de certamente lucrar de toda esta atitude que é uma atitude que visa realmente procurar o mais possível a protecção do património.

Aliás este esforço de reforma legislativa já se concretizou em vários outros diplomas. Limitei-me a citar estes porque são aqueles que estão mais «frescos», digamos, e foram aprovados nas duas últimas semanas e ainda não publicados.

Além disso está pronta e aguarda a sua aprovação na Assembleia da República, um projecto de Lei do património que eu sei que conta já nas suas linhas gerais com a aquiescência, ou com uma espécie de aprovação da generalidade dos partidos políticos. Esse projecto de lei do património, procura

modernizar a nossa legislação, por um lado pondo-a de acordo com grandes perspectivas gerais da legislação internacional do Conselho da Europa, das normas da UNESCO, e por outro lado, com a própria experiência dos serviços do Instituto Português do Património. Aliás o Presidente da Comissão de Redacção desse projecto de lei, Comissão que trabalha em íntima conexão comigo mesmo, é o Senhor Vice-Presidente do Instituto Português do Património Cultural, que está aqui connosco.

Pretende-se nesse projecto conciliar dois grandes objectivos: uma reforma legislativa profunda, em termos europeus, da questão do património, e a defesa da experiência nacional, nomeadamente a dos serviços do Instituto do Património.

Há pois realmente uma perspectiva, um esforço que está a ser feito nesse sentido da valorização do nosso património até onde as possibilidades do Estado tornam essa reconstrução possível e de acordo com a ideia de que o património é a marca portuguesa e de que a História é aquilo que nós temos a mais do que os outros e é aquilo que nós temos diferente dos outros, e isso é um valor económico. Mas é mais do que isso, muito mais.

Mas a valorização económica do património é um valor a ter em conta. Até se pode dizer que as moedas antigas valem tanto mais quanto mais se desvaloriza a moeda actual.

Mas a Numismática demonstra como há uma ligação entre as questões culturais e as questões económicas, e como uma questão cultural pode ser, ao mesmo tempo, um motivo científico de investigação e um motivo pedagógico de ensino e de demonstração.

Esta zona da cultura, da cultura do património, é uma zona onde confluem todas essas preocupações. Julgo que todos estamos atentos a isso e não tem sentido, como alguém dizia ontem, deixar cair os monumentos nacionais e continuar a construir casas de banho.

É preciso pois investir mais na defesa do património. Se os estrangeiros pensam a respeito de nós próprios que nós somos sobretudo uma história e um património, seria grave que não começássemos por pensar isso mesmo a respeito de nós próprios.

Se os próprios estrangeiros nos procuram enquanto história e para falar de história, como aconteceu recentemente, por exemplo, com uma presença minha e de dois ou de três historiadores portugueses, num colóquio na Áustria sobre as relações de Portugal com a Ásia.

Nesse colóquio, Portugal era o único país citado no relatório do Congresso, como o primeiro agente da comunicação com a Ásia, como estando na base do homem universal que a civilização planetária hoje tende a gerar.

Hoje, quando o Mundo toma consciência de si próprio como Mundo, é evidente que todas as pessoas que tomam consciência do Mundo como uma unidade, tendem a pensar na origem dessa consciência mundial, e aí estão os portugueses, aí estamos nós.

Isto não é apenas um património moral, isto é, inclusivamente um património com significado económico. A questão é que nós saibamos dar a esse património também significado económico.

A questão é que não continue a acontecer, por exemplo, que a entrada nos nossos monumentos seja, ou de graça, ou dez vezes mais barata do que em qualquer país normal do mundo.

Este Congresso de Numismática deveria ser também um ponto dentro deste esforço, uma etapa, uma ajuda, uma escada na tarefa de valorização geral do património português e das questões do património.

Portanto é com este sentido que eu venho aqui, ao Porto onde ainda mais sentido tem a aliança entre a moeda e a cultura, entre uma grande tradição comercial e um esforço cultural. Aqui no Porto economia e cultura não podem estar de costas, ainda 'por cima num palácio como este que é, de certo modo, uma expressão objectiva da aliança, ou da possível convergência, entre a cultura e a economia, traduzida historicamente numa certa cultura do comércio que tão típica foi de uma certa época da nossa história.

Peço desculpa de me ter alongado algum tanto em considerações.

Quero desejar sobretudo a este Congresso os melhores resultados.

Quero felicitar o Senhor Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática por esta iniciativa e espero que ele seja um esforço convergente com outros no sentido da valorização da nossa cultura de o nosso património.

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

Dr. Carlos Valle — Presidente da Assembleia Geral da S. P. N.

Minhas Senhoras
Senhor Representante da Casa da Moeda
Senhor Professor de Numismática da Universidade Livre
Senhor Representante dos Clubes Congéneres de Numismática
Senhores Participantes
Caros Numismatas

O Congresso chegou ao fim. Tudo o que chega ao fim, posto que possa repetir-se, deixa em nós uma impressão de saudade e até às vezes, para outros, um travo de amargura ou de desgosto.

Subitamente desprende-se de nós mesmos, participantes nestes Congressos, um pouco de nós próprios e da nossa própria vida.

Nesta hora de alguma saudade, até de amargor para outros, vai encerrar-se este 2.º Congresso de Numismática que teve as suas horas altas e que terá tido também, como sempre, os seus momentos menos felizes.

Talvez seja este um desses momentos, dos menos felizes.

O Congresso deveria poder manter-se em actividade durante mais alguns dias, mas isso não pode ser nem está programado.

Ao encerrar o Congresso, que foi da organização da Sociedade Portuguesa de Numismática, quero apresentar a todos os participantes os nossos cumprimentos de despedida, desejando-lhes muitas felicidades e o melhor bem estar.

Que a Numismática continue a abarcar as vossas preocupações e a servir também os vossos momentos livres.

Muitos Congressos se fazem, muitos Congressos se têm feito, mas nem sempre dispendo para a sua realização, para os seus trabalhos, de um recinto como este, em que a camaradagem andou casada com os próprios trabalhos. E até podemos dizer, com os anos, com a história e com as tradições desta cidade.

O cenário nestas ocasiões não é indiferente e teve aqui um sítio de alguma maneira ideal. Este Palácio da Associação Comercial que é quase um Palácio

de Congressos, é-o pelo menos nas cotações, ou tem sido. Este cenário, dizia eu, serviu os interesses da Numismática, serviu os interesses da sua expansão.

A parte operosa do Congresso, o seu trabalho, constituiu um exemplo vivo no desenvolvimento da nossa predilecção, até porque teve, além de ser um Congresso Nacional, o cariz de um Congresso Internacional, em que estiveram representações da nossa vizinha Espanha e até de Países de língua portuguesa.

Eu quero repetir o que aqui se disse, congratulando-me vivamente com essas participações.

Tivemos aí excelentes especialistas e investigadores num esforço de interesse nacional, que se agradece, e oxalá venha a ser estimulado, que continue, até em harmonia, e até em subtileza.

Estas realizações, além de tudo, aproximam os homens, não só na recolha de dados científicos mas também num labor de raiz pacífica, digamos.

Que esse pacifismo continue e prospere na Numismática.

Ao declarar encerrado este Congresso, vou fazê-lo num voto de que venha a encontrar-se o ambiente propício para um 3.º Congresso, que possa ter um mais largo ambiente e a participação de entidades estrangeiras, e exista sempre um clima de paz, um clima de bom entendimento.

A todos os que vieram de fora, pois nós queremos deixar uma palavra de bom regresso e que tenham de alguma maneira colhido as melhores lembranças e que possamos num futuro breve trocar outro abraço numismático.

A todos quantos colaboraram com a iniciativa, os melhores agradecimentos e aos participantes, já se vê, as nossas melhores felicitações.

Bem hajam.

(Palmas prolongadas).

Eu creio, Senhores Participantes, que neste momento de encerramento dos trabalhos, não será despropósito nenhum deixar-lhes aqui uma nota lírica, aquela nota lírica que decorre daquela pagela que todos receberam e que se intitula «A Moeda», da Senhora D. Salette Tavares.

É um poema curiosíssimo:

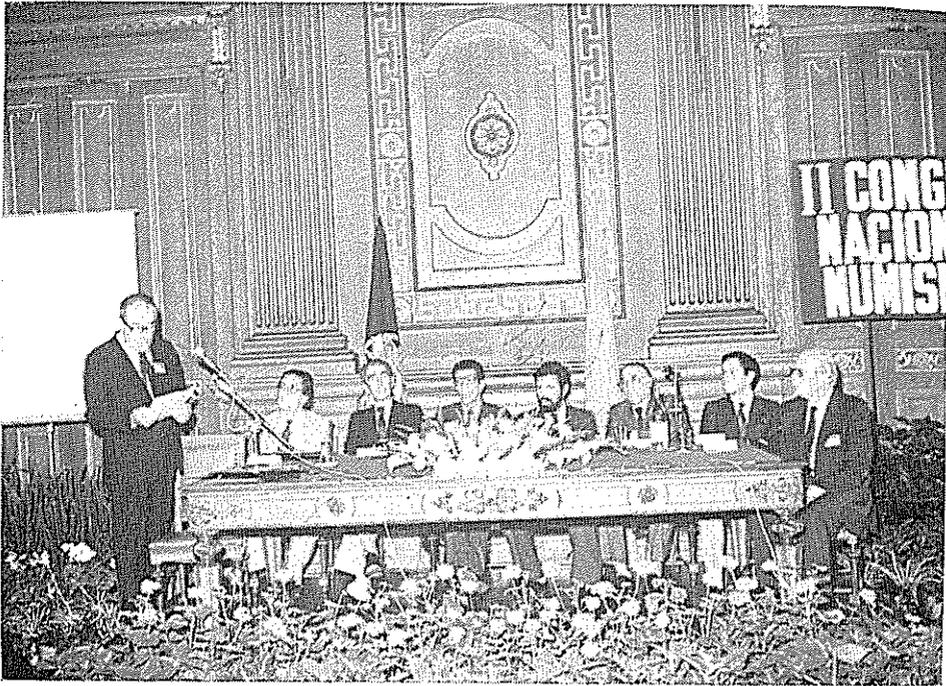
As moedas na vida
são lindas feiticeiras que brincam nos dedos
são facetas de metal miúdas ligeiras
saltam escorregam encaixam
trocam-se em muitas moedas
e servem
para pagar o pão.

Redondas pequenas muitas
raras as grossas
as moedas rodam as moedas rolam
as moedas circulam
passam de mão em mão.

A moeda
dá-se tira-se guarda-se
vira-se atira-se apanha-se
a moeda junta-se a moeda salta
a moeda cai
a moeda mostra as caras que tem.
de cobre de bronze de ouro de prata
a moeda sonora tilinta alegre tilinta triste
de agreste sua vida proletária
e fica muda na terra p'ra onde se muda
quando se enterra.
Aí pernoita à espera da hora.
em que testemunha.

Quando se cava quando se procura
e adra
do tempo a memória
a moeda suja
porque lavada dentro da terra
surge mais pura surge mais rara
surge abstracta e, aristocrata
ressalta de glória.

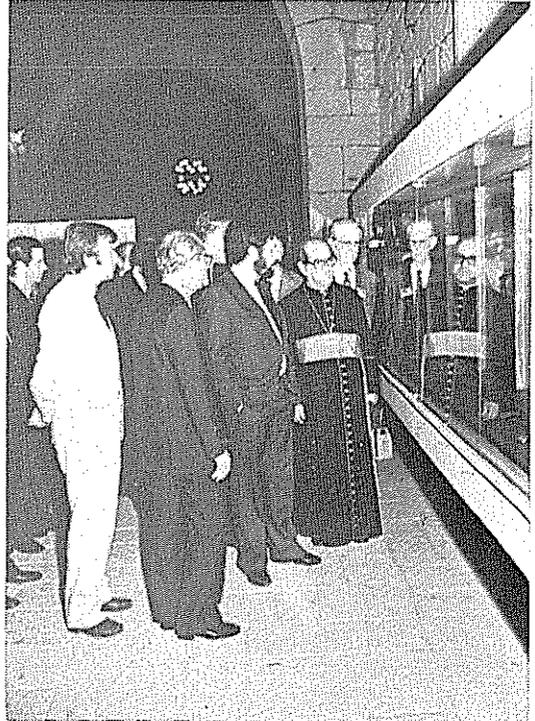
É essa mesma glória que ressaltou deste Congresso.
Fica encerrado este 2.º Congresso Nacional de Numismática.
Que ele venha a ser Internacional, eis o meu voto a todos.
Muito obrigado.



Sessão de Abertura. A mesa da presidência enquanto proferia o seu discurso o Presidente da S. P. N.



Sessão de Abertura. O Senhor Ministro da Cultura e Coordenação Científica, Senhor Dr. Francisco Lucas Pires, a proferir o seu discurso



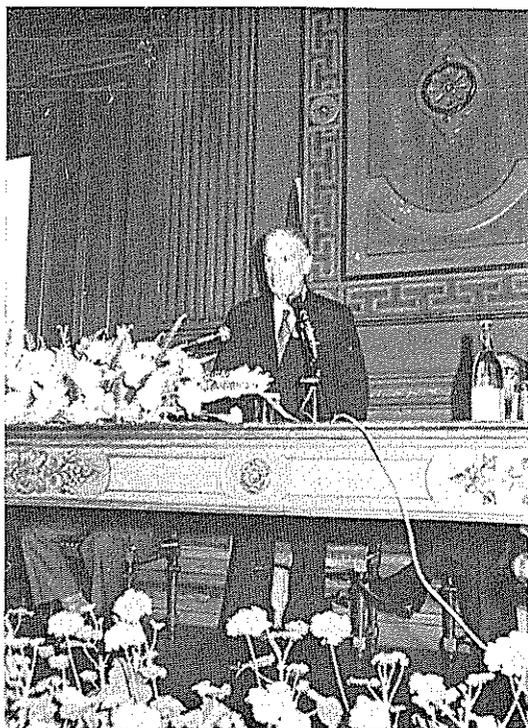
Abertura do Congresso. Visita das Autoridades à «I Exposição Nacional de Numismática»



Jantar oficial. Aspecto parcial



Jantar oficial. O Senhor Presidente da Câmara discursando



Sessão de Encerramento. O Dr. Carlos Valle a proferir o seu discurso